INSERÇÃO EXTERNA E COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO PERÍODO 1995-2004

Clésio Lourenço Xavier[1]
Francisca Diana Ferreira Viana[2]

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi identificar, através de indicadores de competitividade, os setores de exportação mais competitivos ou "pontos fortes" do comércio exterior de cada estado da região Nordeste no período 1995-2004. Além disso, procurou-se mensurar o grau de diversificação e especialização da pauta de exportação de cada estado da região. Concluiu-se, pelo resultado dos indicadores, que a maioria dos estados da região Nordeste, concentrou seus "pontos fortes" em poucos setores, apresentando uma pauta pouco diversificada, além de pouco especializada e, que de um modo geral, os setores intensivos em recursos naturais e mão-de-obra têm uma participação ainda muito significativa nesta pauta.

Palavras-chave: Região Nordeste, Competitividade e exportação.

ABSTRACT

The main objective of this paper it was to identify, throught indicators of competitiveness, sectors of exportations more competitives or "strong points" of foreign trade of each Northeast state from 1995 to 2004. Moreover, it was searched to bow the diversification degree and specialization of the export composition of each region state. It was concluded that, according to the indicators results, the main part of the Northeast states, concentrated your "strong points" in a few sectors, showing a composition not so diversificated, yonder less specialized and, in conclusion, the sectors intensive in nature resources and labor have an expressive participation in this composition.

Key words: Northeast Region, Competitiveness and Exportation

Área Temática: Economia Agrária, Espaço e Meio Ambiente
Sub-área: Economia, Espaço e Urbanização

[1] Professor Adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (IEUFU).
E-mail: clésio@ie.ufu.br

[2] Pesquisadora do Núcleo de Economia Aplicada do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia.
E-mail: dianaecofort@yahoo.com.br

INSERÇÃO EXTERNA E COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO PERÍODO 1995-2004

1- INTRODUÇÃO

A década de 90 foi palco de diversas transformações na economia mundial, e tais transformações se originaram do denominado processo de globalização que, de uma forma resumida, fundamenta-se na integração econômica, liberalização comercial e financeira e na crença de que o mercado seja impulsionador do desenvolvimento e do bem-estar econômico. Partindo dessas premissas, os países em desenvolvimento, a partir dos anos 70, aderiram a esse processo, fazendo da liberalização dos mercados financeiro e de bens condição necessária para a alavancagem do desenvolvimento econômico destes países.

A abertura comercial destas economias teve como conseqüência a intensificação da competição, trazendo a idéia da busca de competitividade e da especialização produtiva como objetivo principal a ser alcançado, pois é a partir do ganho de competitividade e da especialização produtiva que estes países se inserem no comércio mundial de mercadorias.

No caso brasileiro, sua inserção no mercado globalizado explicitou a questão da economia regional, já que as regiões brasileiras elegeram a variável exportação como uma possível forma de alcançar o desenvolvimento. A partir de tal pressuposto os estados da região Nordeste do Brasil vêm nos últimos anos tentando ampliar e melhorar a qualidade de sua inserção.

Para visualizar em que grau a economia nordestina está inserida na economia internacional, o presente trabalho verificou, através de indicadores de competitividade, o comportamento das exportações nordestinas no período 1995-2004 para, assim, identificar os setores produtivos de cada estado da região Nordeste que apresentaram durante esse período maior competitividade. A escolha do período em questão buscou abranger o momento em que a abertura comercial da economia brasileira já estava consolidada, e os indicadores calculados identificaram os setores que tem uma maior expressão dinâmica no comércio exterior da região Nordeste, ou seja, aqueles setores que vem ganhado competitividade no mercado internacional, ou ainda o que GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) chamam de “pontos fortes” do comércio exterior.

A identificação dos "pontos fortes" de cada estado pode dar suporte para futuras políticas setoriais de incentivo as exportações, não apenas para aqueles setores mais dinâmicos, como também para aqueles que têm potencialidade para despontar nas exportações de cada estado.

2- ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho avaliou o comportamento das exportações da região Nordeste, englobando seus nove Estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio grande do Norte e Sergipe) no período 1995-2004; por meio de cálculo de indicadores que medem o grau de competitividade de um setor produtivo foram identificados os "pontos fortes" no comércio exterior para o período considerado, ou seja, foram apontados os setores produtivos de maior competitividade no período em questão para cada um dos nove estados.

Para isto foi utilizada a base de dados da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) do Brasil, disponível através do Sistema Alice (Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior)[3] para exportação e importação discriminada por estado e por capítulos, os quais correspondem aos setores produtivos e estão enumerados de 1 (um) a 99 (noventa e nove) de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) sendo definidos pelo MDIC (2004) como correspondendo a todo produto objeto de uma importação ou exportação[4].

Os seguintes indicadores foram calculados: Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS); o indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR); Taxa de Cobertura das Importações e o Indicador de Comércio Intra-Setorial.

O indicador ICS é conhecido como coeficiente de Gini-Hirchman, LOVE (1979) argumenta que quanto mais concentradas as exportações em poucos produtos e países de destino, mais a economia estará sujeita a flutuações de demanda o que implica mudanças bruscas nas receitas de exportação.

O ICS é dado pela seguinte expressão:

---

[3] O Sistema Alice está disponível no *site* do MDIC na seguinte página: http://aliceweb.desenvolvimento.com.br

[4] Para efeito de classificação de mercadorias, o Brasil passou a utilizar, desde 1996, a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), utilizada igualmente pelos demais países partícipes do bloco (Argentina, Paraguai e Uruguai) baseado no Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH) (MDIC, 2004).

$$ICS = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j} \right)^2}$$

Onde:

X_{ij} - representa as exportações do setor i pelo estado j;

X_j - representa as exportações totais do estado j.

Este índice varia entre 0 (zero) e 1 (um), e quanto mais próximo de 1 (um) mais concentradas serão as exportações do estado em poucos produtos, caso contrário, ou seja, quanto mais próximo de zero mais diversificada será a pauta de exportação do estado.

O indicador VCR mensura a tendência de especialização internacional de uma economia, foi originalmente criado por BALASSA apud HIDALGO (1998) com base no conceito de Vantagem Comparativa Revelada, os índices de VCR servem para descrever os padrões de comércio que estão tendo lugar na economia, mas não mostram se estes padrões são ótimos ou não.

Tal indicador pode ser expresso da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij} / X_{iNE}}{X_j / X_{NE}}.$$

Onde:

X_{iNE} - são as exportações do setor i da região Nordeste;

X_{NE} - são as exportações totais da região Nordeste, ou zona de referência.

Se o VCR_{ij} for maior que a unidade o setor i apresenta vantagem comparativa para o estado j, e se o VCR_{ij} for menor que a unidade o setor i apresenta desvantagem comparativa revelada para o estado j.

Segundo HIDALGO (1998) o índice de VCR fornece um indicador da estrutura relativa das exportações de uma região ou país. Quando uma região exporta um volume grande de um determinado produto em relação com o que é exportado pelo país desse mesmo produto, isso sugere que a região conta com vantagem comparativa na produção desse bem.

A Taxa de Cobertura das Importações (TC) indica em quantas vezes o volume das exportações do setor i está cobrindo o volume de importação do mesmo, e é expresso como segue:

$$TC_{ij} = \frac{X_{ij} / M_{ij}}{X_{iNE} / M_{iNE}}.$$

Em que:

M_{ij} - são as importações do setor i pelo Estado j;

M_{iNE} - são as importações do setor i da Região Nordeste.

Quando TC_{ij} é maior que a unidade identifica-se uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja, as exportações do setor i no estado j teria uma dimensão maior, quando comparadas às importações do mesmo setor (FONTENELE; MELO & ROSA ,2000).

O comércio intra-setorial consiste na exportação e importação simultâneas de produtos classificados dentro de um mesmo setor produtivo. Esse tipo de comércio é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação de produtos. Assim, quanto mais integrado for o Estado ao comércio internacional maior seu comércio intra-setorial, refletindo um maior nível de especialização, o indicador utilizado para calcular o comércio intra-setorial é o sugerido por GRUBEL & LLOYD apud HIDALGO (1998) dado pela expressão:

$$G - L = 1 - \frac{\sum_i \left| X_{ij} - M_{ij} \right|}{\sum_i \left(X_{ij} + M_{ij} \right)}.$$

Este indicador também varia entre 0 (zero) e 1 (um), sendo que quanto mais próximo de um, maior será o comércio intra-setorial e quanto mais próximo de zero, menor será este comércio.

A identificação dos setores de exportação mais competitivos ou “pontos fortes” se deu através do critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998), este critério analisa os “pontos fortes” de comércio exterior de uma economia observando que setores possuem simultaneamente Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Taxa de Cobertura das Importações (TC) maior que a unidade. A análise foi feita para o período 1995-2004, com o objetivo de verificar possíveis mudanças na pauta de exportação de cada estado ao longo do período em questão.

3- COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE NO PERÍODO 1995-2004

O fato de a região Nordeste está entre as mais pobres do Brasil fez com que a necessidade de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento fosse uma constante na economia nordestina, inclusive em seus setores de exportação, assim, de uma forma geral, conforme destacam FONTENELE; MELO & DANTAS (2001, p.384):

> "os setores industriais nos quais o Nordeste apresenta claramente vantagem em relação ao restante do país, dentro do quadro de dinamismo da demanda mundial, são sobretudo aqueles cujas performances resultam das políticas industriais implementadas nos estados da região e são impulsionados por investimentos públicos no período que antecedeu a abertura comercial"

A ausência de um parque industrial dinâmico na região Nordeste antes do período da abertura comercial gerou uma certa limitação a pauta de exportação de seus estados, que é uma pauta tradicionalmente composta por produtos de processamento básico, *commodities* tradicionais e produtos da indústria tradicional, ou seja, aqueles setores que receberam investimentos públicos ou que a região possui vantagem comparativa., tendendo a gerar uma forte concentração da pauta em poucos produtos, isto pode ser confirmado pelo Índice de Concentração por Setor exposto na Tabela 1.

Tabela 1
Índice de Concentração das Exportações dos Estados da Região Nordeste (ICS)
1995-2004

Estados	Índice de Concentração das Exportações por Setor									
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Alagoas	0,77	0,74	0,80	0,86	0,82	0,79	0,93	0,78	0,78	0,69
Bahia	0,30	0,29	0,29	0,29	0,29	0,30	0,33	0,31	0,31	0,29
Ceará	0,46	0,46	0,45	0,44	0,41	0,40	0,37	0,38	0,38	0,37
Maranhão	0,73	0,71	0,68	0,65	0,69	0,64	0,57	0,58	0,51	0,47
Paraíba	0,49	0,56	0,49	0,38	0,37	0,38	0,43	0,44	0,43	0,42
Pernambuco	0,68	0,52	0,56	0,55	0,43	0,34	0,44	0,41	0,34	0,35
Piauí	0,54	0,52	0,52	0,45	0,46	0,41	0,45	0,37	0,38	0,35
Rio G. do Norte	0,52	0,51	0,49	0,52	0,49	0,46	0,44	0,45	0,46	0,56
Sergipe	0,62	0,62	0,57	0,52	0,53	0,54	0,42	0,68	0,57	0,62

Fonte: MDIC, Elaboração Própria, 2005.

Analisando os resultados obtidos através do cálculo do Índice de Concentração por Setor (ICS) podemos verificar pela Tabela 1 que em 1995 quatro estados apresentaram ICS relativamente alto: Alagoas (0,77); Maranhão (0,73); Pernambuco (0,68) e Sergipe (0,62), isto significa que estes estados estavam com uma pauta de exportação concentrada em poucos setores. Em 2004 apenas os estados de Alagoas e Sergipe continuam com um ICS elevado, de 0,69 e 0,62 respectivamente, vale destacar que para o estado de Alagoas mesmo este indicador continuando elevado, houve uma redução do mesmo quando comparado a 1995, no entanto Sergipe manteve o valor de seu ICS constante. Os Estados do Maranhão e Piauí tiveram, em 2004, uma queda significativa neste indicador, chegando a 0,37 e 0,35 respectivamente, isto comprova uma maior diversificação na pauta de exportação desses Estados quando comparado a 1995.

Os estados da Bahia, Ceará e Paraíba foram os que apresentaram valor numérico mais baixo para o ICS tanto em 1995 quanto em 2004, no primeiro ano os ICS's desses estados eram de respectivamente 0,30; 0,46 e 0,49. Ao passo que em 2004 a Bahia permaneceu com este indicador praticamente constante (0,29), enquanto o Ceará e Paraíba apresentaram uma redução, passando para 0,37 e 0,42 refletindo, assim, uma maior diversificação da pauta de exportação no período em questão.

Os estados do Piauí e Rio Grande do Norte não apresentaram ICS tão elevados quanto os estados de Alagoas, Maranhão e Pernambuco, mas também não apresentaram um valor muito reduzido para este indicador, visto que em 1995 estes estados possuíam um ICS de 0,54 e 0,52 respectivamente, porém, no caso do Piauí se observamos o ano de 2004 constataremos que este estado sofreu uma significativa queda em seu ICS, passando, este indicador, a apresentar um valor de 0,35. O mesmo não ocorre para o Rio Grande do Norte, dado que seu ICS sofreu uma variação positiva em 2004, passando para 0,56.

Os resultados obtidos acima mostram que a pauta de exportação dos estados da região Nordeste ainda é muito concentrada em poucos setores, mas que ao longo dos últimos dez anos esta concentração se reduziu, visto que todos os estados, exceção feita ao Rio Grande do Norte, reduziram o valor deste indicador em 2004. Alguns apresentaram apenas uma pequena redução, mas outros apresentaram uma redução significativa, o que pode ser visto como um fator favorável ao comércio exterior nordestino de uma forma geral.

Aplicando o critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) obtivemos os denominados "pontos fortes" para todos os estado da região Nordeste, isto é, aqueles setores de

exportação de cada economia que apresentaram Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Taxa de Cobertura das Importações (TC) simultaneamente maiores que a unidade.

Tabela 2
Setores mais competitivos – Alagoas – 1995/2004

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
28	Produtos químicos inorgânicos, etc.	1,24	54,17		
39	Plásticos e suas obras	1,43	282,63		
17	Açucares e produtos de confeitaria	4,17	69426,39		
29	Produtos químicos orgânicos			1,39	8,07

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

A tabela 2 expressa os "pontos fortes" do comércio exterior do Estado de Alagoas e, como pode ser observado, dos noventa e nove setores estudados, Alagoas possuía apenas três "pontos fortes" em 1995, ou seja, somente três setores apresentavam competitividade naquele ano, estes setores eram: produtos químicos inorgânicos, etc; plástico e suas obras e açucares e produtos de confeitaria. Em 2004, Alagoas perde competitividade nos setores registrados em 1995 e passa a apresentar apenas um setor de destaque ou "ponto forte", que é o setor produtos químicos orgânicos.

Tabela 3
Setores mais competitivos – Maranhão – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	6,18	39,28	3,89	3,03
28	Produtos químicos inorgânicos, etc.	3,38	1,65	4,69	2,87
72	Ferro fundido, ferro e aço.	2,62	11315,35	4,19	8806,98
76	Alumínio e suas obras	5,99	26,86	5,92	34,29
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	5,50	228,58		

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O Estado do Maranhão também concentrou seus "pontos fortes" em poucos setores: dos noventa e nove setores o Maranhão possuía apenas cinco como "pontos fortes" no ano de 1995. Pela Tabela 3 observa-se que para o ano em questão os setores de destaque na pauta de exportação maranhense foram: Ferro fundido, ferro e aço e móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc,

Em 2004 praticamente não ocorreu mudança na pauta de exportação maranhense, pois quatro dos cinco setores registrados como "pontos fortes" em 1995 permaneceram em 2004.

Entretanto, nesse mesmo ano, o Maranhão perde competitividade em um dos setores mais competitivos em 1995, o de móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc. Ressalta-se também que esse Estado não registrou nenhum novo "ponto forte" em seu comércio exterior em 2004.

Tabela 4
Setores mais competitivos – Piauí – 1995/2004

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
05	Outros produtos de origem animal	6,36	28,34		
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	17,05	71,47		
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha.	31,50	1457,67	33,27	15,48

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Através da Tabela 4 pode-se constatar que o Piauí foi o estado que apresentou o pior desempenho quando se leva em consideração o critério de identificação dos "pontos fortes", pois este Estado, em 1995 possuía apenas três "pontos fortes" no seu comércio exterior (outros produtos de origem animal; gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.; vestuário e seus acessórios, exceto de malha).

Quando se analisa o ano de 2004 o estado do Piauí perde competitividade nos setores: outros produtos de origem animal e gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. e não ganha competitividade em nenhum novo setor permanecendo apenas com o setor vestuário e seus acessórios, exceto de malha, fazendo parte de sua pauta de exportação quando comparado a 1995.

Tabela 5
Setores mais competitivos – Sergipe – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento.			15,28	80,04
31	Adubos ou fertilizantes	11,90	1,10		
52	Algodão	23,34	1,79		
63	Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	5,64	13,64	2,35	21,61

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O Estado de Sergipe também apresentou uma pauta pouco diversificada, com apenas três setores sendo considerados "pontos fortes" da economia sergipana em 1995 (adubos e fertilizantes; algodão; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc.). Em 2004 Sergipe perdeu competitividade nos setores adubos e fertilizantes e algodão. Permaneceu apresentando

competitividade no setor outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc., ganhando competitividade em apenas um novo setor: sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento (ver Tabela 5).

Tabela 6
Setores mais competitivos – Paraíba – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outs. invertebr. aquáticos	2,11	2,14	1,57	12,41
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis.	7,66	17,33		
19	Preparações a base de cereais, farinhas, amidos, etc.			16,34	3,93
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	3,54	1,64		
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres.			5,80	1,64
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento.			6,23	3,44
30	Produtos farmacêuticos			23,68	29,53
49	Livros, jornais, gravuras, outros produtos gráficos, etc.			3,63	47,34
56	"Pastas ("ouates"),feltros e falsos tecidos,etc."			7,30	1,49
59	Tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.			10,18	14,44
63	Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.			32,17	9,58
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.			6,75	4,76
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.			2,11	3,21
95	Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc.			7,67	23,55

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado da Paraíba foi um dos que apresentou resultado mais satisfatório no que se refere ao critério de identificação dos "pontos fortes", pois em 1995 esse estado apresentava somente três setores como "pontos fortes": peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis e preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. (ver Tabela 6).

No ano de 2004 o estado da Paraíba perde competitividade nos setores produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis e preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. Porém, nesse mesmo ano a Paraíba registra onze novos setores como "pontos fortes" em seu comércio exterior, dentre estes se destacaram: produtos farmacêuticos; tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.; e outros. Além disso, o setor peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos permaneceu na pauta de exportação da Paraíba no ano em questão.

Tabela 7
Setores mais competitivos – Rio Grande do Norte – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outs. invertebr. aquáticos	4,41	29,31	4,84	41,11
05	Outros produtos de origem animal			6,49	1,31
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais.	5,25	2,14		
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.			1,29	18,08
17	Açucares e produtos de confeitaria	1,59	24,22		
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento.	4,08	690,39	1,40	149,94
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, etc.ceras minerais.			4,71	1958,77
30	Produtos farmacêuticos	14,70	9,54		
33	Óleos essenciais e resinóides, prods. de perfumaria,etc.	8,14	1,28		
42	Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.	44,43	330,02		
52	Algodão	1,56	1,24		
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontinuas.	1,96	2,07		
61	Vestuário e seus acessórios, de malha.			5,53	32562,21
81	Outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias.			11,89	21220,27
96	Obras diversas	49,93	13,21	7,49	10,01

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado do Rio Grande do Norte também está entre os que possuíam competitividade em um número relativamente pequeno de setores no período em questão. Pela Tabela 7 observa-se que os "pontos fortes" da economia potiguar em 1995 eram somente dez, dentre os quais se destacaram: obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.; sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento, dentre outros.

Em 2004 o estado do Rio Grande do Norte apresentou oito setores considerados "pontos fortes" no seu comércio exterior e, deste montante, cinco foram setores em que o estado ganhou competitividade (outros produtos de origem animal; gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.; combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais; vestuário e seus acessórios, de malha e outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias). Tal estado permaneceu competitivo em apenas três setores quando comparado a 1995 (peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento e obras diversas) e perde competitividade em seis setores (outros produtos de origem animal; algodão, dentre outros).

Tabela 8
Setores mais competitivos Bahia – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
09	Café, chá, mate e especiarias	2,16	8935,51	1,95	10,91
14	Matérias p/ entrancar e outs. prods. de origem vegetal	2,08	3879,99		
18	Cacau e suas preparações	2,21	1,05		
19	Preparações a base de cereais, farinhas, amidos, etc.	2,21	2,03		
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	1,00	2,54		
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	2,21	11,18	1,87	12,47
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados			1,68	2,13
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento.	2,02	1,94		
27	Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais	2,21	2,15	1,29	1,37
29	Produtos químicos orgânicos	1,82	1,08	1,77	1,81
31	Adubos ou fertilizantes	2,07	2,56		
32	Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	2,21	2,80	1,80	2,28
34	Sabões, agentes orgânicos de superfície, etc.	2,20	3,32	1,79	2,39
37	Produtos para fotografia e cinematografia	2,21	1,32	1,98	1,22
38	Produtos diversos das indústrias químicas	2,20	1,26	1,95	1,32
39	Plástico e suas obras	1,64	1,14	1,68	1,81
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	1,88	10,00	1,03	5,32
46	Obras de espartaria ou de cestaria			1,27	2,00
47	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	2,21	1,71	1,98	2,16
48	Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	2,19	3,13	1,81	4,05
53	Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	2,14	124,23	1,97	6,29
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	1,93	17,86	1,94	4,91
56	"Pastas (""ouates""), feltros e falsos tecidos,etc."			1,46	1,04
59	Tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.			1,42	1,01
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.	1,71	3,36		
71	Perolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	2,21	1,21	1,95	11,35
72	Ferro fundido, ferro e aço.	1,13	1,72		
74	Cobre e suas obras	2,21	1,01	1,98	1,57
75	Níquel e suas obras	2,21	1,01		
81	Outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias.	2,21	2,25		
82	Ferramentas,, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns	1,69	1,31	1,90	1,65
85	Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc	1,32	3,55		
87	Veículos automóveis, tratores, etc.suas partes/acessórios.			1,95	1,01
89	Embarcações e estruturas flutuantes	2,21	15,22		
94	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.			1,67	1,13
95	Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc.			1,50	2,65
97	Objetos de arte, de coleção e antiguidades.			1,42	1,45

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado da Bahia foi o que apresentou maior número de "pontos fortes", comprovando a relativa diversificação da pauta de exportação desse estado, pois, como pode ser observado pela Tabela 8, dos noventa e nove setores, a Bahia, em 1995, possuía vinte e nove

setores que, pelo critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998), podiam ser considerados "pontos fortes". Dentre estes vinte e nove setores destacaram-se: café, chá, mate e especiarias; materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal e outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.

Em 2004 o Estado da Bahia perde competitividade em doze dos vinte e nove setores registrados como "pontos fortes" em 1995, tendo como exemplo os seguintes setores: materiais para entrançar e outros produtos de origem vegetal; adubos ou fertilizantes; ferro fundido, ferro ou aço, dentre outros.

A Tabela 8 também mostra os setores que não eram "pontos fortes" no comércio exterior baiano em 1995, mas que passaram a ser em 2004, tais como os setores: veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios; móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.; objetos de arte, de coleção e antiguidades, dentre outros.

Vale ressaltar ainda que dos vinte e nove setores considerados como "pontos fortes" em 1995, dezessete continuaram na pauta de exportação baiana na condição de setores competitivos, entre os mais importantes pode-se destacar: resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc; pedras naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc e outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.

O estado do Ceará, assim como o estado da Bahia, também apresentou competitividade em uma pauta de exportação relativamente diversificada, visto que dos noventa e nove setores dezenove faziam parte da pauta de exportação cearense em 1995. Através da Tabela 9 pode-se observar que dentre estes dezenove setores merecem destaque os seguintes: obras de ferro fundido, ferro ou aço; obras de espartaria ou de cestaria; peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos, dentre outros.

Em 2004, o Ceará perde competitividade em dez dos dezenove setores registrados como "pontos fortes" em 1995, sendo o caso de setores tais como: outros produtos de origem animal; produtos farmacêuticos; vidro e suas obras e veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios. No entanto, neste mesmo ano o estado do Ceará ganha competitividade em doze novos setores, dentre os quais se destacaram os setores: leite e lacticínios, ovos de aves, mel natural, etc. e preparações alimentícias diversas.

É importante salientar que o estado do Ceará permaneceu competitivo em oito dos dezenove setores registrados como "pontos fortes" em 1995 (peixes e crustáceos, moluscos e

outros. Invertebrados aquáticos; produtos da indústria de moagem, malte, amido, etc; gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais, dentre outros).

Tabela 9
Setores mais competitivos – Ceará – 1995/2004

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outs invertebr aquáticos	8,42	19,60	3,35	38,47
04	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.			5,06	12,27
05	Outros produtos de origem animal	1,45	4,61		
06	Plantas vivas e produtos de floricultura			8,52	1,04
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões.			3,89	1,46
10	Cereais			6,02	2,22
11	Produtos da industria de moagem, malte, amidos, etc.	8,89	2,22	6,49	554,24
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	9,44	10,01	7,56	16348,70
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	4,98	10,02		
21	Preparações alimentícias diversas			7,54	55,65
25	Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento.			1,02	10,01
30	Produtos farmacêuticos	5,36	4,03		
35	Matérias albuminóides, produtos a base de amidos, etc.			8,00	3,45
41	Peles, exceto a peleteria (pele com pelo), e couros	1,50	3,59	5,20	2,66
42	Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.			9,03	2,05
46	Obras de espartaria ou de cestaria	1,66	27,91		
52	Algodão	9,31	1,37	5,03	1,00
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas.	9,21	1,06		
62	Vestuário e seus acessórios, exceto de malha.			5,32	1,73
63	Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	2,25	1,62		
64	Calcados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes.			6,16	1,14
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc.			4,06	2,19
70	Vidro e suas obras	11,24	5,81		
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	11,23	31,48	6,57	27,96
83	Obras diversas de metais comuns	12,04	3,93	3,01	64,92
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc. mecânicos	9,35	3,28	3,00	5,22
87	Veículos automóveis, tratores, etc.suas partes/acessórios.	12,04	1,72		
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	7,07	2,79	4,78	5,40
91	Relógios e aparelhos semelhantes, e suas partes.			5,23	1,10
92	Instrumentos musicais, suas partes e acessórios.	10,87	5,09		
95	Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc.	8,92	4,43		

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Resultados semelhantes aos apresentados pelos Estados da Bahia e do Ceará foram registrados para o Estado de Pernambuco em 1995, pois, como mostra a Tabela 10, este estado apresentou uma pauta de exportação relativamente diversificada para aquele ano (dezenove setores registrados como "pontos fortes", merecendo destaque os seguintes: tecidos de malha; produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis; borracha e suas obras, dentro outros).

Entretanto, a Tabela 10 também mostra que Pernambuco perdeu competitividade em diversos setores no ano de 2004 quando comparado a 1995, pois dos dezenove setores considerados "pontos fortes" em 1995 o Estado perde competitividade em treze, tais como: carnes e miudezas comestíveis; cereais; vestuário e seus acessórios, exceto de malha, dentre outros.

Pernambuco chega ao ano de 2004 com apenas doze "pontos fortes", sendo que seis destes setores se encontravam na pauta de exportação do Estado em 1995: borracha e suas obras; fibras sintéticas ou artificiais descontínuas; etc. Dessa forma apenas seis novos setores foram considerados "pontos fortes" no comércio exterior pernambucano, dentre os quais se destacaram os seguintes setores: tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc.; obras diversas de metais comuns, e outros.

Tabela 10
Setores mais competitivos – Pernambuco – 1995/2004.

NCM	Setores	1995		2004	
		VCR	TC	VCR	TC
02	Carnes e miudezas, comestíveis.	7,38	1,52		
05	Outros produtos de origem animal	2,35	1,08		
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc.comestíveis.	4,99	4,65		
10	Cereais	7,38	1,93		
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	7,38	1,60		
21	Preparações alimentícias diversas	6,15	2,22		
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres.	3,40	1,56		
34	Sabões, agentes orgânicos de superfície, etc.			1,35	1,12
36	Pólvoras e explosivos artigos de pirotecnia, etc.	7,38	4,17		
40	Borracha e suas obras	6,77	2,44	8,53	1,31
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pelo),e couros	1,08	2,20		
49	Livros, jornais, gravuras, outros produtos gráficos, etc	7,38	1,71	1,55	7,76
55	Fibras sintéticas ou artificiais descontinuas	1,08	1,07	10,57	57,25
58	Tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc.			12,86	22,21
60	Tecidos de malha	4,85	15,97		
61	Vestuário e seus acessórios, de malha.	7,04	2,44		
66	Guarda-chuvas, sombrinhas, guarda-sóis, bengalas, etc.	7,38	1,25		
67	Penas e penugem preparadas, e suas obras, etc.			15,55	1,07
69	Produtos cerâmicos	4,50	1,43	10,76	1,76
70	Vidro e suas obras			15,33	2,27
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço.			2,14	2,39
82	Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc.de metais comuns.	1,72	1,73		
83	Obras diversas de metais comuns			8,93	1,04
84	Reatores nucleares, caldeiras, maquinas, etc. mecânicos	1,51	1,05	4,05	2,92
85	Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	2,95	1,11	8,19	2,98

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Os resultados da aplicação do critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) e do Índice de Concentração Setorial deixou evidente que a análise do comércio exterior nordestino pode ser dividida em dois grupos: um primeiro grupo representa os estados que tem uma pauta menos concentrada, isto é, mais diversificada e por conseqüência possuiu um número maior de setores considerados "pontos fortes", são eles: Bahia, Ceará e Pernambuco. De outro lado, um segundo grupo que possui uma pauta bastante concentrada e com poucos "pontos fortes" é composta pelos estados de Alagoas, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. É importante ressaltar que, dentro deste segundo grupo, o estado da Paraíba apresentou um resultado significativamente favorável para o critério de identificação dos "pontos fortes".

Outro ponto que merece destaque, tendo por base o resultado dos indicadores, é a confirmação de que a pauta de exportação dos estados nordestinos ainda é composta por setores de processamento básico, *commodities* tradicionais e produtos da indústria tradicional. Como salienta HIDALGO (2000) é praticamente insignificante a participação dos produtos manufaturados mais intensivos em tecnologia, como máquinas e equipamentos.

Deve-se ressaltar também que mesmo aqueles Estados que possuem uma pauta mais diversificada (Bahia, Ceará e Pernambuco) apresentaram na composição desta pauta setores com baixo conteúdo tecnológico, intensivos em mão-de-obra e recursos naturais, conseqüentemente com baixo valor agregado, refletindo em instabilidade no valor de suas exportações. Além disso, são exatamente os setores com estas características que estão sofrendo constantemente barreiras comerciais, dificultando, assim, a expansão do comércio exterior para estes setores.

4- COMÉRCIO INTRA-SETORIAL NOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE

O Índice de Concentração por Setor (ICS) e a identificação dos "pontos fortes" de cada estado da região Nordeste mostraram uma característica marcante do comércio exterior nordestino, ou seja, um comércio altamente concentrado em poucos setores, refletindo um baixo dinamismo no comércio internacional dos estados da região. No entanto, outra maneira de mostrar o grau de dinamismo da economia nordestina no comércio exterior é através do indicador de comércio intra-setorial, pois este indicador, como visto anteriormente nos aspectos metodológicos, reflete-se no grau de especialização do comércio exterior de uma economia, dado que é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação de produtos e, dessa forma,

quanto mais próximo de um for este indicador, maior será a integração da economia ao comércio internacional e, conseqüentemente, maior o seu grau de especialização pela utilização de economia de escala e pela capacidade de diferenciação de produtos.

Tabela 11
Indicador de comércio intra-setorial para os Estados da Região Nordeste (1995-2004)

Estados	Indicador de Comércio Intra-setorial									
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Alagoas	0,54	0,78	0,57	0,44	0,42	0,45	0,35	0,59	0,24	0,26
Bahia	0,84	0,88	0,92	0,90	0,96	0,93	0,96	0,88	0,75	0,85
Ceará	0,70	0,64	0,68	0,74	0,79	0,82	0,92	0,92	0,83	0,80
Maranhão	0,45	0,76	0,71	0,66	0,71	0,78	0,79	0,86	0,94	0,75
Paraíba	0,57	0,72	0,58	0,52	0,66	0,68	0,92	0,80	0,53	0,63
Pernambuco	0,84	0,59	0,59	0,57	0,53	0,47	0,49	0,55	0,68	0,81
Piauí	0,68	0,88	0,88	0,63	0,41	0,40	0,56	0,42	0,30	0,37
Rio G. do Norte	0,99	0,97	0,85	0,93	0,84	0,64	0,64	0,68	0,70	0,39
Sergipe	0,46	0,57	0,48	0,44	0,37	0,48	0,34	0,54	0,57	0,64

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Os resultados do cálculo deste indicador estão na Tabela 11; como já se podia prever os estados que apresentaram um menor índice de concentração setorial e um maior número de "pontos fortes" apresentaram também um maior comércio intra-setorial: Bahia, Ceará e Pernambuco, onde o valor do indicador de comércio intra-setorial para estes três estados em 1995 foi de: 0,84; 0,70 e 0,84 respectivamente.

Em 2004 os estados da Bahia e Ceará aumentaram o grau de comércio intra-setorial, pois o indicador passou a assumir os valores de 0,85 e 0,80 respectivamente, ao passo que o estado de Pernambuco reduziu um pouco seu comércio intra-setorial para o ano considerado passando para 0,81.

Os estados de Alagoas, Piauí e Rio Grande do Norte reduziram significativamente o comércio intra-setorial, os dois primeiros passaram de 0,54 e 0,68 em 1995 para 0,26 e 0,37 em 2004 respectivamente. No entanto o estado em que a variação deste indicador chama mais atenção na análise é o Rio Grande do Norte, pois em 1995 este estado apresentava um indicador de comércio intra-setorial bem próximo de um (0,99), mas em 2004 se reduz drasticamente passando para 0,39.

Os estados do Maranhão, Paraíba e Sergipe apresentaram um resultado bastante favorável para este indicador, principalmente o Maranhão e Sergipe que possuíam um indicador

de comercio intra-setorial de 0,45 e 0,46 em 1995 e passaram, em 2004, a apresentar valores de 0,75 e 0,64 respectivamente.

Como pode ser constatado pelos resultados do indicador de Comércio Intra-Setorial alguns estados da região Nordeste ainda apresentaram uma pauta de exportação pouco especializada, visto que o comércio de exportação e importação simultânea dos seus setores revelou-se baixo.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos estados da região Nordeste no comércio exterior ainda se apresenta de um modo geral, de forma bastante frágil, o que se constatou neste trabalho, através dos resultados do cálculo dos indicadores sugeridos, é que os estados da região Nordeste podem ser divididos em dois grandes grupos no que se refere ao comércio exterior. O primeiro grupo é composto por aqueles que apresentaram, tanto em 1995 quanto em 2004, resultados favoráveis ao comércio exterior, são eles: Bahia, Ceará e Pernambuco; e o segundo grupo é formado pelo restante dos estados (Alagoas, Maranhão, Paraíba, Piauí, rio Grande do Norte e Sergipe). Tais estados, de uma maneira geral, apresentaram resultados não muito favoráveis ao comércio exterior, ressaltando que o estado da Paraíba, mesmo fazendo parte do segundo grupo, apresentou resultados favoráveis para alguns dos indicadores calculados.

A maioria dos estados concentrou suas exportações em poucos setores no período analisado, exceção feita aos estados da Bahia, Ceará e Pernambuco, que em relação aos demais possui uma pauta diversificada, o que foi visto através do Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS), onde o alto valor desse indicador também se reflete em resultado desvaforável no que se refere ao número de setores que podem ser considerados “pontos fortes” ou setores mais competitivos.

O comércio intra-setorial é pouco expressivo para alguns estados, tais como Alagoas, Piauí e Rio Grande do Norte que, que em 1995 tinham um significativo comércio intra-setorial, mas chegam 2004 perdendo em termos deste indicador. Novamente, Bahia, Ceará e Pernambuco são os estados que conseguem manter ao longo do período um comércio intra-setorial significativo e, de um modo geral, o resultados desse indicador se refletem em um baixo grau de especialização produtiva da região Nordeste.

A principal conclusão deste trabalho é que além dos indicadores analisados terem apresentado resultados pouco favoráveis ao comércio exterior da região Nordeste como um todo, a sua pauta de exportação é composta por produtos oriundos de setores que possui pouco valor agregado, intensivos em recursos naturais e trabalho, ou seja, aqueles que mais dificuldade enfrentam na inserção internacional, pelo fato dos países desenvolvidos que exportam estes mesmos produtos imporem constantemente barreiras ao seu comércio. No entanto, não se pode deixar de destacar a melhora, qualitativa para alguns estados e quantitativa para outros no que se refere as suas pautas de exportação. Dentro desse contexto é que se faz necessário uma ação ativa dos governos estaduais no sentido de adotarem políticas de incentivo as exportações dos setores em que cada estado possua competitividade, pois isso pode gerar um efeito multiplicador em setores que ainda não participam da pauta de exportação desses estados.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTENELE, Ana Maria de C.; MELO, Maria Cristina Pereira de; DANTAS, Antônio Luiz Abreu. Inserção Internacional da Região Nordeste do Brasil. Reações as Políticas de Incentivo e Transformações Recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 32, nº3, p. 366-386, jul/set de 2001.

FONTENELE, Ana Maria de C.; MELO, Maria Cristina Pereira de; ROSA, Antônio Lisboa Teles da. **A Indústria Nordestina Sob a Ótica da Competitividade Sistêmica**. Fortaleza, EUFC/SUDENE/ACEP, 2000.

HIDALGO, A. B. Especialização e Competitividade do Nordeste no Mercado Internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 29, nº especial, p. 491-515, julho de 1998.

_____ Exportações do Nordeste do Brasil. Crescimento e Mudança na Estrutura. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 31, nº especial, p.560-574, novembro, 2000.

LOVE, J. Trade Concentration and Export Instability. **The Journal Development Studies**, volume 15, nº 3, 1979.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br>. Vários acessos.